



Desejo, violência e sacrifício em *Otelo, o mouro de Veneza*

Desire, violence, and sacrifice in *Othello, the moor of Venice*

Ribanna Martins de Paula¹

Resumo

O objetivo deste artigo é investigar como a questão do desejo, violência e sacrifício – elementos inerentes às sociedades desde a sua criação, conforme exposição de René Girard – encontram-se presentes na peça *Otelo, o mouro de Veneza* escrita pelo dramaturgo inglês William Shakespeare no início do século XVII. Observando a maneira com que o autor cria, desenvolve e retrata seus personagens, bem como a sociedade da época de sua história, este artigo contribui para a compreensão de como a aplicação da crítica sociológica torna-se relevante para a análise de textos literários de todas as épocas.

Palavras-chave: William Shakespeare. René Girard. *Otelo, o mouro de Veneza*. Crítica sociológica.

Abstract

The goal of this article is to investigate how the question of desire, violence, and sacrifice – inherent elements to the societies since its creation, according to the exposition of René Girard – are present in the play *Othello, the moor of Venice* written by the English playwright William Shakespeare at the beginning of the XVII century. Observing the way in which the author creates, develops, and portrays his characters, as well as the society at the time of his story, this article contributes to the understanding of how the application of sociological criticism becomes relevant for the analysis of literary texts from all times.

Key-words: William Shakespeare. René Girard. *Othello, the moor of Venice*. Sociological criticism.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília (PósLit – UnB).
Endereço eletrônico: ribanna.neuhaus@gmail.com.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo geral a análise da peça *Otelo, o mouro de Veneza*, de William Shakespeare, por meio da identificação dos elementos “desejo”, “violência” e “sacrifício”. Para tal, realizaram-se estudos centrados na teoria do desejo mimético, proposta pelo filósofo e antropólogo francês René Girard, bem como em sua tese acerca da violência e sacrifício como importantes fatores sociais. Os trabalhos do autor que serviram de base para este estudo foram *Deceit, desire & the novel: self and other in literary structure* (1965) e *A violência e o sagrado* (1990), escolhidos por serem grandes expoentes das teses que serviram de fundamentação teórica deste artigo.

Além dos trabalhos teóricos de Girard, foi de extrema relevância o estudo de um de seus livros dedicados ao estudo literário das peças do próprio Shakespeare. *Shakespeare: teatro da inveja* (2010) apresenta a análise de Girard, baseada nos conceitos postulados por ele nos dois livros teóricos mencionados acima, de obras conhecidas por centrarem-se, fundamentalmente, no desejo que gera violência e que leva ao fim trágico de uma vítima expiatória. Neste contexto, *Otelo, o mouro de Veneza* constitui o *corpus* desta pesquisa, uma vez que apresenta características propriamente shakespearianas.

Alcançando o objetivo proposto, o presente artigo contribui para os estudos shakespearianos – o que se mostra interessante, pois no ano de 2016 completou-se quatrocentos anos da morte do dramaturgo –, assim como os estudos literários sob a luz da crítica sociológica, de forma geral. De tal maneira, este trabalho colabora para o entendimento de conceitos relevantes relacionados a esta importante corrente crítica, aplicados na análise de grandes expoentes da literatura mundial.

Desejo mimético: origem da violência

Em 1961, René Girard postula uma importante teoria que serviria de base para suas teses futuras: a teoria do desejo mimético. No seu livro *Deceit, desire & the novel: self and other in literary structure*, o filósofo francês apresenta o caráter mimético do desejo humano, ou seja, o desejo como algo fundamentalmente imitativo. Dessa forma, aquilo que é desejado por alguém só o é, pois foi, primeiramente, objeto de desejo de outros, ou de um

outro que é adotado como modelo pelo sujeito. Girard importa o termo *vanité*² – criado por Stendhal para indicar todas as formas de cópia e imitação – para descrever o sujeito vaidoso como aquele que “não pode obter seus desejos de seus próprios recursos; ele deve pegar emprestado dos outros” (GIRARD, 1965, p. 6).

Para exemplificar sua teoria, Girard faz uso da obra literária de importantes autores, como Cervantes, Flaubert, Stendhal, entre outros, e apresenta o esquema sujeito – mediador – objeto. Neste esquema, o mediador serve de modelo para o sujeito e, por consequência, este último deseja o mesmo objeto que seu intermediário. Primeiramente, ao adotar um modelo para a constituição do próprio desejo, o sujeito se aproxima do mesmo e, então, é estabelecida entre eles uma relação de discípulo e mestre. Após este momento, entretanto, o antigo modelo tende a tornar-se um futuro rival. No processo de mediação, existe a mediação externa e interna. No primeiro caso, “o protagonista da mediação externa proclama em voz alta a verdadeira natureza de seu desejo. Ele adora seu modelo abertamente e declara-se seu discípulo” (GIRARD, 1965, p. 10), enquanto na mediação interna o protagonista “longe de se orgulhar de seus esforços para imitar, esconde-os cuidadosamente” (idem).

A mediação interna revela-se mais complexa, uma vez que, como afirma Girard, dela resulta no fenômeno conhecido como *Ressentiment*, explorado pelo filósofo alemão Max Scheler. Esse fenômeno se baseia em alguns tipos de afeições e movimentos internos, como vingança, ódio, maldade, inveja, ciúmes e rivalidade. Segundo o próprio Scheler:

[...] no ressentimento, se estabelece a repetição, através e a partir do viver, de uma determinada reação de resposta emocional contra um outro. Através destas reações, cada emoção recebe um elevado aprofundamento e descida ao centro da personalidade, tanto como um manifestante afastamento da expressão e da zona de sustentação da pessoa. Este sempre-novo-atraves e a partir do viver da emoção e dos antecedentes sobre os quais ela ‘responderia’. O ressentimento é um revivenciar da emoção mesma – um sentir de novo. Destarte, a palavra traz em si o fato da qualidade desta emoção ser um negativo, o que significa dizer, um movimento da hostilidade... (SCHELER apud GINETTI, 2010, p. 20)

Faz-se necessário prestar especial atenção nos sentimentos “inveja” e “ciúmes”, dois vícios naturalmente triangulares – pois implicam sujeito, objeto e uma terceira pessoa a qual os sentimentos são direcionados – tradicionalmente relacionados à mediação interna. Scheler refere-se à inveja como um sentimento de impotência resultado da falha do sujeito

2 Vaidade (tradução livre).

em adquirir o objeto desejado pertencente a outro. Este sentimento transforma-se em rivalidade, uma vez que o possuidor do objeto é visto pelo sujeito que deseja como um obstáculo passivo, pelo simples fato de possuir. O ciúme, por outro lado, sempre contém um elemento de fascínio do sujeito para com o rival, que quase nunca é reconhecido como um modelo. Isso se dá, pois a pessoa ciumenta – assim como todas as vítimas da mediação interna – acredita que seu desejo está enraizado somente no objeto, ou seja, este precedeu a intervenção do mediador. Girard define as vítimas do ciúme ou da inveja como pessoas que “têm um ‘temperamento ciumento’ ou uma ‘natureza invejosa’” (GIRARD, 1965, p. 12), e possuem um impulso irresistível de imitar os desejos dos outros.

Na mediação interna, o impulso que o sujeito acredita ser direcionado ao objeto de desejo é, em última instância, direcionado ao mediador, que – na maioria das vezes – percebe esse impulso. Neste contexto, Girard afirma que o sujeito:

Longe de declarar-se um vassalo fiel, ele pensa apenas em repudiar os laços da mediação. Mas esses laços são mais fortes do que nunca, pois a aparente hostilidade do mediador não diminui seu prestígio, mas sim o aumenta. O sujeito está convencido de que o modelo se considera muito superior para aceitá-lo como discípulo. O sujeito está dividido entre dois sentimentos opostos em relação ao seu modelo, a reverência mais submissa e a malícia mais intensa. Esta é a paixão que chamamos de ódio. (GIRARD, 1965, p. 10)

Assim, ao querer e não conseguir imitar seu modelo, o sujeito passa a vê-lo como rival. O modelo, por sua vez, ao ver-se imitado, reconhece no sujeito que deseja um rival. A essa imitação, ao mesmo tempo sugerida e interdita, Girard dá o nome de *double bind*³. Frente a esta rivalidade acentuada, a violência vai se incorporando ao núcleo do desejo até tornar-se o próprio objeto deste, pois o sujeito que deseja percebe a violência contra seu mediador como uma forma para dominar o objeto desejado. Dessa forma, por conta da sua capacidade de gerar rivalidades, o caráter mimético do desejo constitui a causa primordial da violência humana.

Sacrifício: a solução para a violência

Em *A violência e o sagrado*, René Girard apresenta a violência como um componente intrínseco às sociedades humanas capaz de tornar-se generalizada e ameaçar toda uma comunidade. Segundo sua teoria, a violência precisa ser purgada diversas vezes ao longo

³ Ligação dupla (tradução livre).

do tempo a fim de garantir a sobrevivência do grupo. Visando purgar a violência no meio da comunidade, surgem soluções sociais pacificadoras centradas na figura da vítima expiatória. Essas soluções aparecem com o objetivo de regulamentar ou racionalizar a violência por meio da transferência da violência generalizada que ameaça a comunidade para uma vítima escolhida unanimemente, ou seja, um bode expiatório – como nomearia o próprio Girard. Dessa forma, “a ameaça coletiva é condensada numa só vítima; do ameaçador ‘um contra o outro’ passa-se para pacificador ‘todos contra um’” (SCHULTZ, 2004, p. 11).

Ao escolher uma vítima sacrificial, o grupo deve seguir alguns critérios para que o sacrifício seja realizado de forma a cumprir seu objetivo. A hipótese da substituição é o principal critério a ser considerado e baseia-se na ideia de desviar, para aqueles cuja morte pouco ou nada importa – o autor cita os animais, prisioneiros de guerra, crianças e adolescentes, e escravos –, a violência direcionada a seres que devem ser protegidos. Para isso, a vítima expiatória deve apresentar certas similaridades em relação à vítima original. Além disso, entre a vítima a ser escolhida e o grupo social não deve existir nenhum tipo de relação social, pois somente assim será possível recorrer à violência contra um indivíduo sem sofrer “represálias de outros indivíduos, seus próximos, que considerariam seu dever vingá-lo” (GIRARD, 1990, p. 25).

Após escolher as vítimas, sacrifícios são realizados como forma de eliminar conflitos e restabelecer a harmonia na comunidade. Segundo Girard, o sacrifício acontece quando “a sociedade procura desviar para uma vítima relativamente indiferente, uma vítima ‘sacrificável’, uma violência que talvez golpeasse seus próprios membros, que ela pretende proteger a qualquer custo” (GIRARD, 1990, p. 14). Assim, Girard define o sacrifício como a primeira instituição social, responsável pela sobrevivência de toda sociedade. A sobrevivência do grupo é possível, uma vez que:

O sacrifício opera sempre uma dupla transferência: a) a violência acumulada na sociedade é transferida para o ódio homicida contra a vítima, e assim o grupo camufla, dissimula sua própria violência, e designa a vítima como uma causa da crise [...]; b) estando toda a violência social concentrada na vítima, agora ela sobrevive na memória coletiva como fonte de paz, sendo transferido para ela um espectro de transcendência. (SCHULTZ, 2004, p. 12)

Ponto importante em relação ao sacrifício é o fato de que este se configura como sagrado. Ainda no início do primeiro capítulo de seu livro, Girard discute um paradoxo central: “É criminoso matar a vítima, pois ela é sagrada... Mas a vítima não seria sagrada se não fosse morta” (GIRARD, 1990, p. 11), referindo-se ao fato de que, nas sociedades primitivas, o sacrifício sempre foi apresentado como algo muito sagrado ou como uma espécie de crime, não havendo a possibilidade de este ser cometido sem produzir efeitos graves. Uma vez que a palavra tem sua raiz na ideia de sacro-ofício – ofício realizado com tamanho sentido e significado que passa a ser um ato sagrado –, o sacrifício pode ser entendido como um mecanismo social produtor de sagrado. Isso se dá, pois “uma morte produz a vida! Um ser de fora é o culpado das mazelas do grupo e, ao mesmo tempo, será a fonte de salvação depois de sacrificado” (SCHULTZ, 2004, p. 13).

Por fim, conforme o exposto até aqui, confirma-se que a violência do sacrifício não apenas produz o sagrado, mas também sacraliza a violência. Esta violência, expurgada da sociedade por conta de seus efeitos maléficos, ao mesmo tempo contém uma virtude benéfica que é venerada pela própria sociedade. A vítima transita numa esfera ambígua entre o bem e o mal. “Ela tem poder maléfico por condensar a maldade social enquanto bode expiatório, mas tem poder redentor ao libertar os perseguidores de suas recriminações recíprocas e, ao mesmo tempo, trazer benefícios sociais” (SCHULTZ, 2004, p. 13).

Análise de *Otelo, o mouro de Veneza*

Otelo, o mouro de Veneza foi escrito por William Shakespeare por volta de 1603, tendo sido apresentado ao público inglês pela primeira vez em 1604. A história gira em torno do general mouro Otelo, seu primeiro tenente Cássio, o alferes Iago e Desdêmona, nobre esposa de Otelo. A tragédia tem seu início quando Iago, não aceitando Otelo ter dado o cargo de tenente a Cássio ao invés de a si próprio, planeja vingar-se de seu general e de Cássio, por meio de insinuações de que Desdêmona esteja traindo seu marido com seu tenente.

Para início de análise, é importante ressaltar que a peça está repleta dos sentimentos negativos elencados por Scheler em seu *ressentiment*. Iago tem inveja de Cássio, uma vez que o primeiro não obteve sucesso em conseguir seu objeto de desejo, o cargo de primeiro

tenente dado ao segundo. Este sentimento, por si só, já é suficiente para despertar o ódio em Iago e fazê-lo planejar sua vingança. Quanto ao desejo mimético/triangular, a obra apresenta-o muitas vezes de forma velada. Um exemplo, o amor - impulso - de Desdêmona por Otelo não teve sua origem fundamental na admiração dela por ele, mas por meio da mediação exercida por seu pai, Brabâncio. O pai é o primeiro modelo para o desejo da filha, pois ele admira e anseia as fantásticas aventuras de Otelo, e Desdêmona imita sua fraqueza secreta por coisas exóticas. Como assinala Girard:

O desejo mimético sempre vai direto à verdade de seu mediador, mesmo que a linguagem do último esconda essa verdade. Conseguimos perceber isso tanto no caso de Desdêmona e do próprio Brabâncio, que entende o desejo da filha porque esse desejo é idêntico ao dele. (GIRARD, 2010, p. 536)

Assim, Desdêmona casa em segredo com Otelo e, quando surge a oportunidade de fazer parte das aventuras de seu marido, parte para Chipre sem pensar duas vezes.

O segundo exemplo de desejo mimético na trama - ainda mais velado e complexo - constitui a relação sujeito-mediador entre Otelo e Cássio, respectivamente. Num primeiro momento, é difícil para o leitor perceber que Cássio, subalterno de Otelo, possa configurar-se em um modelo para o mesmo. Entretanto, a reputação positiva de Otelo como excelente soldado não diminui o fato de que ele é estrangeiro em Veneza, além do fato de ser negro - o preconceito racial é um dos temas principais da peça. Assim, inconscientemente, Otelo percebe em Cássio tudo aquilo que ele próprio não é - branco, jovem, bonito, elegante e, acima de tudo, um verdadeiro aristocrata veneziano. Em outras palavras, Otelo sabe, ainda que de forma inconsciente, que Cássio é superior a ele na visão de todos.

Exposto esse fato, torna-se evidente que o ciúme de Otelo por seu tenente já estava enraizado em seu ser. Nota-se que quando Iago começa a pôr seu plano de vingança em prática por meio da sugestão de que esposa de seu general foi infiel, não há necessidade que ele enuncie seu pensamento para sugerir-los a Otelo. Como afirma Girard, “não é preciso semear as sementes da desconfiança; o papel de Iago consiste essencialmente em explicitar os pensamentos que Otelo em vão tenta reprimir” (GIRARD, 2010, p. 535), o que se evidencia no diálogo a seguir, em que Otelo reconsidera a honestidade de Cássio após simples perguntas feitas por Iago:

Iago: Meu nobre senhor...

Otelo: Que está dizendo, Iago?
Iago: Será que Miguel Cássio conhecia vosso amor, na época em que estivestes namorando com minha senhora?
Otelo: Desde o início sabia. Por que perguntas isto?
Iago: Só para satisfação de meu pensamento; nada de mais.
Otelo: E qual é teu pensamento, Iago?
Iago: Eu não julgava que ele já a conhecesse.
Otelo: Conhecia e, quase sempre, servia de mensageiro entre nós.
Iago: É verdade?
Otelo: É verdade! Sim, é verdade... Observas alguma coisa nisto? Não é ele honesto?
Iago: Honesto, meu senhor?
Otelo: Honesto! Sim, honesto.
Iago: Meu senhor, quanto àquilo que sei!
Otelo: Que está pensando?
(SHAKESPEARE, 2003, p. 74)

Dessa forma, Iago traz à superfície os receios mais profundos do mouro, acendendo seu ciúme e desconfiança infundados de Desdêmona e Cássio. É neste contexto que ocorre a mediação interna de Cássio sobre Otelo, pois Otelo deseja Desdêmona mais intensamente ao acreditar ser ela também objeto de desejo de Cássio. Porém, conforme exposto anteriormente, Otelo, como uma típica vítima de ciúmes, não percebe que Cássio é seu modelo inconsciente, que o admira – por isso o escolheu para seu tenente no início da trama – e que seu desejo pela esposa está enraizado naquilo que ele acredita ser o desejo de Cássio.

A seguir, Otelo começa a alimentar grande ódio pelo amigo inocente e uma rivalidade surge entre os dois – rivalidade esta desconhecida por Cássio. Entretanto, ao decidir vingar sua honra manchada pela traição de sua mulher, o mouro direciona sua vingança para Desdêmona ao invés de Cássio. Isso se dá por causa da insignificância de Desdêmona em comparação à de seu suposto amante. Cássio é militar, todos o consideram em alta estima e, em algum momento da história, ele é escolhido para substituir Otelo no governo de Chipre enquanto este é chamado de volta para Veneza. Por outro lado, Desdêmona é uma mulher e não exerce nenhuma função importante na cidade/política, além de estar longe de sua família – o que significa ninguém para querer vingá-la.

Resumindo, Desdêmona é escolhida como bode expiatório a fim de que seu sacrifício possa restabelecer a paz no grupo, formado pelos militares e políticos de Veneza. Seu sacrifício é preparado e realizado como algo sagrado desde o início. Quando Otelo está em dúvida de qual seria a melhor forma de matar sua mulher, Iago sugere que seja

em seu próprio leito de núpcias, lugar onde a traição ocorreu – considerado um lugar sagrado por muitas culturas e religiões, pois é onde os cônjuges se tornam um só e o milagre da vida acontece. A cama torna-se ainda mais sagrada quando a própria Desdêmona, logo antes de ser assassinada, pede à Emília, sua criada, que ponha em sua cama seus lençóis de núpcias e, quando esta lhe sugere que Otelo pode matá-la, exclama “se morrer antes de ti, peço-te que me amortalhes em um desses lençóis” (SHAKESPEARE, 2003, p. 116).

Após acreditar que Cássio está morto, segundo seu pedido, Otelo dirige-se para o quarto onde sua mulher se encontra adormecida e, quando esta acorda, fala-lhe todas as suas suspeitas e acusa-a, formalmente, de traí-lo com seu tenente. Desdêmona nega tal fato até o fim, porém vendo que seu marido não será dissuadido de matá-la, ela se entrega ao seu trágico destino sabendo que será o melhor para todos. Então, Otelo a sufoca e apunhala em sua cama, dando fim à vida daquela que lhe trouxe tanta desonra.

Otelo, então, descobre que Cássio não está morto e, perante este, alguns conhecidos e Emília e Iago, lhe é revelado que toda a história de traição não passou de uma mentira inventada por Iago, cuja finalidade era vingar-se do general mouro. Iago foge, mas é capturado e confessa seu crime, enquanto Otelo, reconhecendo a terrível injustiça cometida contra seu tenente e sua esposa, vinga a morte de Desdêmona derramando o sangue de seu assassino: ele próprio. Assim termina a jornada do valente general Otelo, enquanto Cássio é feito comandante no lugar deste e Iago é enviado para ser torturado.

Otelo mata sua esposa por causa de ciúme infundado e, possivelmente, certa falta de confiança em si mesmo, enquanto Desdêmona, por sua vez, “é tão fascinada pelo mundo sombrio e violento de Otelo que não faz nada para salvar a própria vida quando percebe seu intento assassino [...] ela se prepara para a morte como se prepararia para uma noite de amor” (GIRARD, 2010, p. 537). Assim, esta é uma peça do desejo funesto que encontra no sacrifício e na morte a solução para os mal-entendidos criados. Tendo dito isto, pode-se afirmar que, embora o leitor seja levado a pensar ser Iago o verdadeiro vilão da trama, essa não é a realidade apresentada por Shakespeare. Sobre o fato, Girard afirma que:

Essa fusão de libido e morte violenta é o resultado final da mimese conflituosa, a suprema destruição a que as comédias não podem aludir. Mesmo em Otelo Shakespeare não deixa seu sinistro apocalipse do desejo

óbvio demais. Aqui, mais uma vez, ele tem de pensar em sua plateia, e por isso recorre ao substituto sacrificial. O responsável pelo final violento parece ser apenas Iago, não Otelo, e muito menos Desdêmona. (GIRARD, 2010, p. 537)

Dessa forma, *Otelo, o mouro de Veneza* prova centrar na violência originada na rivalidade causada pelo desejo mimético e no sacrifício como solução para apaziguar a violência de certo grupo. Entretanto, quanto ao sacrifício, Shakespeare oferece a seu público uma história que possui não apenas uma vítima expiatória no universo de seus personagens, mas, também, um bode expiatório para seus leitores.

Considerações finais

Após a realização desta pesquisa, evidenciou-se o exposto por René Girard quanto ao caráter mimético do desejo humano, bem como sua relação com a violência, e o ato sacrificial como solução para purgar esta da sociedade. Embora Girard tenha escrito suas teorias e teses no século XX, é interessante ver o quão bem Shakespeare retratou estes elementos na Inglaterra do século XVII, provando a presença das mesmas já nas sociedades passadas. Infere-se, ainda, que o escritor soube usar as particularidades do homem para criar grandes tragédias lidas e estudadas até os dias atuais por representarem verdadeira condição humana. Por fim, é de extrema relevância como Shakespeare trabalha a questão do verdadeiro vilão de *Otelo, o mouro de Veneza* e como ela é apresentada ao público. O autor oferece uma peça verossímil, uma vez que no mundo real não existem pessoas completamente boas ou más, mas pessoas imperfeitas e cheias de vícios apesar de suas qualidades. Portanto, pode-se concluir que *Otelo, o mouro de Veneza* é uma obra essencialmente humana.

Referências

- GINETTI, Emerson. **A crise dos valores éticos segundo Max Scheler**. 2010. 137f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.
- GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.

GIRARD, René. **Deceit, desire & the novel**: self and other in literary structure. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1965.

GIRARD, René. **Shakespeare**: teatro da inveja. São Paulo: É Realizações Editora, 2010.

SCHULTZ, Adilson. A violência e o sagrado segundo René Girard. **Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo**, São Leopoldo, v. 3, p. 8-18, jan./abr. 2004.

SHAKESPEARE, William. **Otelo, o mouro de Veneza**. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda., 2003.

Submetido em: 29 jul. 2017

Aprovado em: 13 nov. 2017